

Bela e a fera

O incêndio

Aconteceu em 2 de setembro de 2018. Os noticiários televisivos estavam divulgando a terrível e bombástica notícia: estava em chamas o edifício do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Era uma imensa tragédia. Aquele museu, é algo assim como um templo da ciência e da cultura. Ao cabo do triste evento, o fogo e os desabamentos viriam a destruir quase todo o seu riquíssimo acervo, o qual continha cerca de vinte milhões de itens, valiosos e juntados no curso de mais de século e meio de existência da Instituição. Com grande tristeza acompanhei, então e nos dias seguintes, os lances e efeitos da tragédia. Quase todo o prédio fora tomado pelo fogo, a maior parte da cobertura ruiu, os pavimentos idem, despedaçando, soterrando e queimando um dos mais vastos e importantes tesouros culturais da humanidade. Instalado no suntuoso Palácio de São Cristóvão, prédio mandado construir por Dom João VI para moradia da família real portuguesa e depois, também, residência da família imperial brasileira e sito dentro do parque da Quinta da Boa Vista, fora por igual a sede do antigo Museu Real e, em 1892, no albor republicano, fora escolhido para que nele se fizesse a instalação do Museu Nacional que, face a localização, também é apelado Museu Nacional do Rio de Janeiro, sendo atualmente vinculado à Universidade Federal naquela cidade e antiga Capital da Nação. Centrado, principalmente, nas ciências da natureza e, por isso, popularmente apelado Museu de História Natural, a Entidade continha importantes departamentos de variadas ciências, ou seja, Antropologia, Geologia, Paleontologia, Botânica, Zoologia, Arqueologia e Etnologia e fora, no correr de sua longuíssima vida, uma fonte de ciência e de cultura aberta ao mundo. Realmente, gerações de sábios do Brasil e do estrangeiro ali trabalharam, pesquisaram e lecionaram e, muitos mais ali se formaram nos seus departamentos acadêmicos, seus cursos diversos, seus simpósios, seminários e congressos e, no mais, possuía a Instituição uma riquíssima biblioteca, com cerca de 470.000 livros, 2.400 dos quais eram obras raras; e disponibilizava revista, folhetos, artigos escritos, acervo fotográfico, filmagens e mais formas de comunicação que, desde ali, foram transmitidos a pesquisadores, docentes e discentes e à mais gente de toda idade e sorte que ao museu recorreu no curso do tempo, sendo universalmente enaltecidas as riquezas dos acervos ali contidos. Agora, impotentes, víamos a devastação de quase tudo isso. O trágico evento abalou-me! Fiquei inconsolável! Os bombeiros, malgrado seus esforços, não conseguiram evitar o mal maior, os desabamentos dos pisos, com a destruição do que ali se expunha ou se guardava. Não ocorreu o desmoronamento das paredes, todavia, restaram diversas rachaduras graves. Verdade que o governo federal agiu rápido, dotando verba especial vultosa, para os trabalhos da recuperação. O Senado se somou em tal esforço e de tal sorte que, neste presente ano de 2022, está prevista a reinauguração. Ainda não se sabe ao certo, todavia, a causa teria sido um simples curto-circuito. As instalações elétricas estavam velhas, precárias e havia previsão de restauração e inovação delas, todavia, numa fatalidade, o acidente e as chamas chegaram primeiro. Não obstante, o museu já dá sinais da sua ressurreição e, em 17 de janeiro de 2019, ali se fez uma bela exposição de fósseis marinhos. Um bom recomeço. Com certeza, algumas peças hão de ter sido poupadas pelo incêndio, por estarem em lugares mais à salvo ou, paradoxalmente, porque protegidas pelos próprios monturos resultantes da destruição ou, pela própria natureza delas, caso dos resistentes meteoritos, como o enorme e famoso Bedengó (Bendegó, Bendengó), que não há catástrofe que os destrua. Enfim, foi então e sofrendo o impacto emocional daquele drama, no tranco que pesaroso senti e ainda sinto, que me recordei mais uma vez daquela fera.

A fera! De fato, sempre estava a cismar com ela! Mesmo, não poderia deixar de lembrá-la porque, desde ainda jovem, a imaginava lá, em exposição, altaneira e atraindo o interesse das multidões. Assim, é lógico que cismeie com ela ali, na ocasião em que tudo ruía fragorosamente; e imaginei a pobre fera, indefesa e recebendo sobre si toneladas de escombros e esboroando-se ante o fogo reinante. Tenho amor pela fera! Senti muito, sofri! E, não me conformo, ainda, em que a ciência e a cultura a tenham perdido. Claro, sobrou-me uma pequena esperança de que ela poderia não estar ali, no centro da destruição, mas, em algum local da Instituição onde pudesse ter sido preservada do dramático fim ou, que estivesse dentre as poucas peças não danificadas no local mesmo da tragédia. De todo modo, foi pensando na fera que, tomando mentalmente ao passado, rememorei a pessoa de Bela. Oh! Bela! Bela! Fora ela a linda jovem que revelou sua existência. Bela! Por onde andaria? Viveria ainda? Fora ela a primeira pessoa a tomar conhecimento da fera e situa-se dentre os principais responsáveis por estar ela ali exposta no museu e, para o caso, agora supostamente destruída. Certamente, na ocasião, me lembrei por igual do Sr. Otto Bayer; e do Professor Stawiarski. Não poderia, jamais, esquecer da participação de nenhum deles. E, é evidente, me recordei também do porco. Porque, a sua, foi uma participação especialmente curiosa e memorável. Enfim, me foi vindo à mente a história toda, a qual aconteceu como aqui venho narrar. Começemos por Bela! Com prazer, lhes apresento a interessante jovem!

Bela

Bela, era uma linda coloninha alemoa, moça ainda nos seus vinte e sete anos, sonhadora, inteligente e, como veremos, algo culta. Talvez, até bastante. Nascera em Berlim, no já distante ano de 1902. Estava-se, agora, em 1929. Órfã de mãe, morava com o pai e a irmã mais nova às margens do rio Iguaçu, num humilde sítio, naquele povoado de Porto Vitória que, hoje cidade, fazia parte, então, do território de União da Vitória, no Estado do Paraná. Nascida de família pequeno-burguesa berlinense e, criada na suntuosidade da Capital germânica estuante de vida, agora, vivia feliz já há vários anos ali, nas iguaçuanas plagas, naquela esplendorosa parte meridional do Brasil. Pelas contingências adaptada, agora, à vida difícil dos pequenos agricultores, com a irmã e o genitor, Bela cuidava da modestíssima roça da família, plantando o milho, principalmente, mas, talvez, algum aipim para o sustento próprio e, certamente, outras culturas corriqueiras, além da horta da família, onde as abóboras cresciam por conta, rastejantes pelo chão e o chuchus iam se agarrando às cercas por suas gavinhas. Ali, cultivavam ela e eles cebolas e cebolinhas, cenouras, alfaces e couves e, certamente, os tomates, alhos e nabos; as beterrabas, as batatas e, enfim, cuidava com zelo da única e indispensável vaca-leiteira e, de alguns porcos, que criavam no pequeno sítio. Verdade que nem tudo lhes era tranquilo, pois, viviam às turras com os bugios e os macacos-prego, os catetos e os quatis e mais bichos cheios de manhas, que faziam de tudo para ter parte na já modesta produção. Quando não se ocupava com isto ou, com os afazeres no próprio lar, se tinha uma folga, então, Bela lia. Lia muito. Fazia-o com gosto, dentro de casa ou na varanda, à luz do dia ou, à noite, sob a frágil e bruxuleante luz de um lampião. Desde meninota, fora assim, ledora. Quando ainda residia na Alemanha, se interessara pelos livros, revistas e artigos científicos que possuía o pai, Sr. Otto Bayer e, agora, também na nova Pátria, a eles se dedicava, pois, boa parte de sua coleção, o pai trouxera da Europa nas bagagens, quando migraram para o Vale do Iguaçu. E, ela passava horas se entretendo com os textos e ilustrações de obras sobre a História da Terra, sobre os continentes e os mares, os rios e os ventos, a flora e a fauna; e, sobre os enormes dinossauros, os mamíferos gigantes, e muitos mais animais pré-históricos... e, sonhava acordada, cismando com a possibilidade de, um dia, ela e o pai encontrarem algum deles.

Neste ponto, devem ter se indagado do como sei que a moça era linda. Se a conheci. Se a entrevistei. Respondo-lhes: com certeza, jamais nos vimos. Sei que é muito bonita, por intuição. Tive e tenho forte

sensação de que era muito formosa. E, sei que me darão razão. Como uma jovem, tanto dedicada à ciência e à cultura, com tal amor às leituras naturalísticas, deixará de ser belíssima? Aliás, adianto-me e confesso: também, jamais vi escrito ou pronunciado o seu primeiro nome. O sobrenome de solteira, é Bayer. Certamente mereceria, em alemão, ser apelada ou, no menos, apelidada Schöne, isto é, Linda, Bela, porém, à época tendo ela residência no Brasil, resolvi-me a, em carinhoso trato, apelá-la por Bela. Fica esclarecido e convencionado isto aqui. Se quiserem uma explicação psicanalítica, podem sugerir que, pensando na Fera, a associo com a Bela. Bela e a Fera. Parece bom! Mas, prossigamos.

Quando ainda residentes em Berlim, Bela e os seus tiveram uma vida de pequeno-burgueses bem-sucedidos. O pai, Sr. Otto Bayer, homem de ótima cultura, ganhava bom salário no seu emprego como guarda-livros de uma empresa que fabricava e comercializava porcelanas e, desenvolvera o louvável hábito de, nos finais de semana, quando o podia, frequentar os museus berlinenses, notadamente os dedicados às Ciências Naturais, movido por vocação e, também, por esse gosto naturalístico que dominava a cultura alemã e europeia de então. Pelos iguais interesses e saberes de Bela, parece evidente que o Sr. Otto Bayer a envolvera e a irmã mais nova nisto e, provavelmente, a esposa, levando-as a ver os famosos centros da erudição de Berlim e, talvez, de outras cidades alemãs, como será de todo esperável que a biblioteca particular daquele senhor contivesse obras de Lineu e Buffon, Lamarque e Darwin, Cuvier e Agassiz, do dinamarquês Peter Wilhelm Lund e de Auguste de Saint Hilaire, de La Condamine e Aimé Bonpland e, principalmente, obras dos ilustres pesquisadores germânicos, caso do famoso naturalista Barão Alexander von Humboldt (que trouxera Bonpland à América do Sul), também, os apaixonantes estudos e descrições geológicas de autoria do poeta Johann Wolfgang von Goethe – como o seu *Viagem a Itália* - e, certamente, se terá perdido de amores pelas pioneiras descobertas do Pai da Mineralogia, o Prof. Abraham Gottlob Werner, autor da teoria netunista e, enfim, resumindo, Sr. Otto Bayer teve na sua bela Alemanha, até meados de 1914, tudo para ser homem bem-informado das ciências da natureza. E, deu provas disto. Com certeza, tomara conhecimento da teoria do berlinense, geofísico e meteorologista Alfred Lothar Wegener, lançada em tempo de guerra e, segundo a qual os continentes, num passado remotíssimo, constituiriam um único e imenso bloco de terras, tese que aquele lançara em 1915, no seu livro *Die Entstehung der Kontinente und Ozeane* (O Surgimento dos Continentes e dos Oceanos); seria aquele um vasto continente, que se convencionou apelar *Pangeia* e o qual, partindo-se em dois, teria formado o *Gondwana*, de que Brasil e África participaram, como o confirmariam geólogos de renome, dentre os quais brasileiros como Reinhard Maak e João José Bigarella. Enfim, eram ideias novas e apaixonantes e Otto Bayer e o mundo se agitaram com elas. Com todo esse clamor dos estudiosos, o Brasil e a América do Sul, num todo, se tornaram enorme atrativo para os emigrantes cultos, mormente, depois dos emocionantes escritos de von Humboldt e Saint-Hilaire. Vejo, nisto, aliás, forte causa concorrente à futura migração do Sr. Otto e família para o Vale do Iguaçu.

Enfim, tudo corria bastante bem para os Bayer na Alemanha, quando chegou agosto de 1914 e, com este, os horrores da Primeira Grande Guerra Mundial. Sobreveio, então, vasto e duro tempo de enormes sacrifícios para toda a sociedade germânica e, para os Bayer, não foi diferente. De fato, transcorridos os primeiros dias da guerra com amplas vitórias para os alemães e, estando a França quase de joelhos, porém, fracassando o general von Kluck no cerco de Paris e, sendo os germanos empurrados pelos generais Gallieni e Joffre para além do Marne, restaram as duas facções envolvidas na frente ocidental em terrível, mortal, prolongada e indefinida guerra de trincheiras, caracterizada por pequenos avanços e conquistas, situação que perduraria até à rendição alemã em 1918. Ora, sucede que o próprio Sr. Otto Bayer fora servir naquela guerra pelas forças germânicas, sendo alistado na Infantaria e, resultando psicologicamente muito abalado, pelos horrores pelos quais passou. Ele jamais se recuperaria por completo, embora conservasse a saúde e disposição para o trabalho, a racionalidade, a lucidez. Finda a guerra e, retornando ao lar estava ele, agora, em situação de desemprego e, sua família, sem recursos para se manter. Os anos que se seguiram foram

muito sofridos, dolorosos. Derrotada, sua Nação fora penalizada brutalmente pelos vencedores, com pesadíssimas indenizações e proibições. A economia despencara e a moeda alemã, o marco, ficara brutalmente desvalorizado. Milhões deles, valiam quase nada. Para aquela família a dor ainda se agravou, imensamente, quando a amada esposa e mãe veio a falecer e, consta que tenha sido face a miséria reinante. Imagino que, à falta de alimentação adequada e medicamentos. Importava a pai e filhas, agora, deixarem a Alemanha. Nessa situação, a migração, que há muitos anos se fazia regularmente, passou a ser um forte convite e aceno de esperança e, então, o Sr. Otto Bayer optou em se desfazer dos seus bens, vendendo-os e, na sequência, emigrarem para o Brasil. Uma região de colonização germânica seria seu destino mais óbvio. Muitos alemães estavam migrando para o nosso sulino Vale do Iguaçu e, para ali, tomou rumo com os seus. Levando as duas filhas consigo, vieram a fixar-se, como já dito, na paranaense e pequenina Porto Vitória. Ainda nessa mudança de continente e de vida, Sr. Otto dera mostras de imenso apego à cultura, pois, não quisera se desfazer de sua biblioteca ou, pelo menos, de boa parte dela. De fato, superando as muitas dificuldades, conseguira trazer consigo sua coleção de livros e de mais escritos científicos ou de, pelo menos, parte deles. Também sucedeu que, uma vez fixado em nosso País, mas, não perdendo o vínculo com seus parentes na Alemanha, então estes, finda a guerra e em tempos já melhores, passaram a lhes enviar de lá, costumeiramente, livros, revistas e jornais em alemão, com os quais ele e as filhas, além de nisto terem seu lazer, puderam continuar se atualizando sobre descobertas e teorias científicas. O que é notável, aliás, tendo em vista a modéstia da pequena moradia em que agora viviam. Foi desse modo que, estando Sr. Otto e as filhas já residindo no Brasil, acredito que por jornais brasileiros e noticiários alemães, tomaram conhecimento de novas descobertas de fósseis importantes em nosso País e, o interesse nisso lhes alimentava as almas e lhes minorava a pobreza. Portanto, é de todo provável que tenham sabido das descobertas ocorridas no Rio Grande do Sul, nos anos de 1928 e 1929, por seu patricio Friedlich von Huene e equipe, de uma importantíssima paleofauna reptiliana, na apelada Formação Santa Maria, assunto muito badalado na imprensa brasileira e sobre o que von Huene publicaria bem depois, em Munique, amplos relatos científicos, um deles sob o título *Die Fossilien reptilien des Südamerikanischen Gondwanalandes – Ergebnisse der Sauriergrabungen in Südbrasilien (1928 – 1929)* [Os fósseis reptilianos das sul-americanas terras do Gondwana – Resultados dos jazimentos de sáurios no Sul do Brasil - C.H. Beck'che, München, 332 p., tab.]. Realmente, dentre os répteis fósseis ali descobertos, foram encontrados alguns terápsidos que representavam uma evolução deles rumo aos mamíferos. Foi algo de fenomenal e, isso, estimularia a futura criação da Universidade Federal de Santa Maria, dotada de excelente Departamento de Paleontologia, onde diversos cientistas, dentre os quais Mário Barberena e esposa, procederam a importantíssimas novas descobertas e fizeram preciosos estudos sobre o Gondwana. De todo modo – e, por isso, aqui me atenho -, naquele mesmo ano de 1929 em que von Huene ainda fazia suas escavações em Santa Maria, iria a família Bayer notabilizar-se por si própria, ainda que com muito menor repercussão, pela descoberta da fera ali mesmo, na sua pequenina localidade de Porto Vitória, fera essa que seria, poucos anos depois, enviada ao Museu Nacional do Rio de Janeiro. E, é sobre isto que aqui escrevo. Antes, porém, de aqui falar daquele animal, os convido a contemplarem, comigo, um pouco da maravilhosa paisagem desse tão formoso Vale do Iguaçu. Isso é importante, porque, milênios antes dos Bayer, essa foi a região que a fera escolheu para sua moradia. Acompanhem-me, por favor!

A escolha do Vale do Iguaçu para a instalação da família foi uma decisão feliz. É uma região muito linda, fertilíssima, com um solo rico e com matas verdejantes, banhada pelo portentoso Iguaçu e seus afluentes. O povoamento, muito antigo, fora enriquecido pela vinda colonos europeus, dentre os quais alemães, ucranianos, poloneses e outros mais. Os trágicos anos de uma revolução monarquista, impropriamente, dita Guerra do Contestado e que trouxera para a região tanto horror, tanta mortandade, haviam ficado para trás. O conflito cessara pouco antes de iniciada a guerra na Europa e, agora, toda a população vivia em um ambiente pacífico e onde o trabalho livre gerava a prosperidade. Vivia-se o tempo do Ciclo do Mate e, a industrialização e comercialização dessa erva e mais a produção madeireira, além da

criação do gado e da agricultura, faziam gerar grandes riquezas. O escoamento das mercadorias se fazia por ótimas vias. De fato, uma política inteligente, que provinha dos tempos do Segundo Império e prosseguira nos dias republicanos, fizera assentar trilhos ferroviários e os quais, provindos desde o Rio de Janeiro – a Capital do País – e descendo para o Sul, depois de passarem por São Paulo e Curitiba, chegaram a Porto União e União da Vitória (as Gêmeas do Iguaçu formavam único município, Porto União da Vitória) e, dali, varando Santa Catarina e Rio Grande do Sul, se uniram aos trilhos que levavam ao Uruguai e Argentina. Em outros ramais, os trilhos ferroviários desciam pela Serra do Mar ligando planalto e litoral, chegando um deles ao porto de Paranaguá e, outro, a Joinville e São Francisco do Sul. Este último, une União da Vitória e Porto União ao litoral. Além disto, o Vale do Iguaçu era, então, dotado de uma muito intensa navegação fluvial. Um eficiente serviço de cabotagem disponibilizava navios a vapor que subiam e desciam as águas do Iguaçu e do Negro, levando passageiros e mercadorias. Iam as embarcações parando de porto a porto, neles carregando ou deixando cargas, embarcando ou descendo passageiros. Não eram grandes navios, mas, atendiam bem às necessidades. E, dava gosto vê-los chegando e partindo ou, então, passando e cortando valentes as águas, as caldeiras acesas queimando branquilha (cuja madeira para tal se presta) e as chaminés largando fumaça, as pás girando e impulsionando os grandes barcos, que lá se iam, carregados de sacarias, engradados e caixas e, também, dos animados passageiros e os quais, dentre prosas mil, iam contemplando as matas circundantes, plenas de pinheiros e, nas margens, casarios, plantios e criações dos simpáticos moradores ribeirinhos, gente que ficava acenando das barrancas, alegremente; e, se podia ver muitos animais selvagens, como as capivaras e as antas, os veados e os bugios. E havia, naqueles anos, um grande movimento nos portos, um burburinho de pessoas, de homens e mulheres trajados com elegância, com os indispensáveis chapéus. Era, então, o sistema de navegação do rio Iguaçu, com seu afluente, o Negro, assim, qual fosse um Mississipi - Missouri brasileiro, cheio de vida. Nos navios, a marinhagem era competente e os passageiros bem atendidos a bordo. Porto Vitória, é claro, era servida por linha de navegação e os barcos iam até ali e mais adiante pelas águas do Iguaçu. Posso até imaginar Bela, a irmã e o pai, mirando com satisfação para os barcos que passavam e acenando alegremente para marinheiros e passageiros e, deles, recebendo iguais e amáveis saudações. Aliás, muitos da população serviam-se de tais pequenos navios para agradáveis passeios, além de para viagens a negócio. Penso que o Sr. Otto Bayer e filhas devam ter feito isso diversas vezes no correr dos anos, indo às cidades de União da Vitória e Porto União e, mesmo, os imagino chegando de barco até ao então povoado de Porto Vitória, com suas bagagens, embarcados num desses navios quando chegaram vindos da Alemanha. Aliás, recordo que o saudoso historiador Dr. Alvir Riesenbergl – culto médico e beletrista paranaense - escreveu um ótimo livro a respeito desses tempos iguaçuanos. Intitula-se *Um capítulo na povoação do Vale do Iguaçu*, obra já antiga e de edição dele próprio, em União da Vitória. Nela, o autor fala fartamente da navegação, dá detalhes do empreendimento e das causas de seu posterior fracasso, descreve cada navio, dando-lhe nome, porte, calado, cursos e mais características; do rio, dá as minúcias de cada trecho. É uma obra muito ampla a respeito do Vale do Iguaçu.

Dito isto, passemos a um outro personagem desta crônica: o porco. Eu lhes disse que não me esquecera dele. Depois, trataremos da fera. Apelo para a paciência dos leitores, mas, devo fazer justiça a um humilde e, talvez, esquecido suíno.

Chico.

Do porco, sei pouco e, portanto, pouco direi. Não tenho dúvidas em que era um desses mamíferos quadrúpedes bunodontes, dos artiodátilos e não-ruminantes, da subordem Suína, de espécie domesticada e dotados de focinho cilíndrico, cartilaginoso e móvel, tendo por ocupação ser humilde fuçador dos lamaçais e

de mais solos e, por tal atividade vocacional, quando não bem lavado, fedorento como os seus iguais e, enfim, um mero *Sus scrofa*, descendente dos trazidos pelos conquistadores e colonizadores europeus. Por isso, vendo-o, ninguém diria que, mesmo anonimamente, teria tamanho significado para a História da Paleontologia brasileira, americana e mundial. Porém, foi justamente o que veio a suceder. Devemos a ele, ainda que acidentalmente, o conhecimento da existência da importante fera. Nunca soube seu nome. Nem mesmo, se lhe deram um nome. Rejeito a ideia, contudo, de mantê-lo no anonimato. Ele merece ser recordado e tratado dignamente. Não pode restar sem nome. Uma vaca no pasto, é meramente uma vaca, todavia, se a apelarmos Mimosa, ganhará a nobreza da personalidade. Dar nomes aos animais, é uma missão que Adão ganhou no Paraíso e, pode ser que Bela e os mais da casa, talvez, lhe tenham dado um nome em alemão ou em português, que o dignificasse. Provavelmente, não quereriam fosse ele lembrado como um mero porco, um *Schwein* na língua primeira de Bela. Com a licença dos leitores e dela, assim, batizo-o para fins desta crônica, com o carinhoso nome de Chico. É bem brasileiro e, mesmo sendo onomatopaico, lembrando seus grunhidos, é apelido dado a muitos porcos que foram amados. E, dito isto, passemos à fera e, a como tudo se deu.

A fera.

A fera, para o caso, era uma das muitas preguiças gigantes e terrestres que habitaram, outrora, a América do Sul, donde a espécie e mesmo o gênero foram originários e donde, no antanho, migraram para as demais Américas. E, a descoberta de um exemplar delas, no Vale do Iguaçu, foi fato relevante para a ciência e ocorreu como passo a relatar. Pois bem, lancemos nossos olhos para onze anos transcorridos desde que finda a 1ª Grande Guerra Mundial e, passados vários, desde que o Sr. Otto Bayer e família residiam no Vale do Iguaçu. Estava-se, pois, no ano de 1929. Mês, dia e hora, não posso precisar. Aconteceu em pleno dia. Bela estava se ocupando com a roça da família, quando escutou Chico guinchar, desesperadamente. Sim, aqui, o porco entra, na história e para a História. Ouvindo-o, mesmo estando ao longe, Bela o reconheceu e, também, que o animal clamava por socorro. Havia ali outros porcos, mas, como sucede com todo bom pastor, o colono sensível sabe distingui-los, por seus grunhidos ou guinchos, de satisfação, brabeza ou agonia. Eram guinchos de aflição. Os apelos de Chico provinham dali de pertinho, de uma funda valada nas proximidades da barranca do rio, na qual ele e os companheiros haviam descido à cata de alimentos. Então, tomando de uma forte vara, para lá Bela correu em seu socorro. Importava ver o que acontecia. Armara-se com aquele simples pau, pois, sempre poderia ter que se defrontar com algum animal que o estivesse ameaçando. Não era onça, pois, pelo tempo transcorrido, um jaguar o já teria silenciado e, ademais, toda a porcada teria gritado. Cobras, os suínos as devoram, como fossem gostosas linguças. Os bugios não incomodam os porcos e, outros animais, mesmo se grandes, seriam espantáveis com gritos ou com vara. Sabedora disto, destemida, correu pelo terreno irregular e, chegada à beira da valada já avistou, lá embaixo, o pobre do animal apavorado. E, para logo, tomada pela emoção, percebeu o que o afligia. Não era um bicho do mato, nada disso! Fora o próprio Chico que se perdera no serviço, pois, esgravatando o solo e, tendo enfiado o focinho na terra, à cata de algo comestível, como tubérculos ou bichinhos, em tal mister desencavara, por coincidência, enorme vértebra fossilizada. Mais ainda: o animal enfiara o focinho por dentro do canal medular da pétreia peça, nisso restando preso. Não conseguindo escapar, apelara por socorro. Libertado pela jeitosa moça, Chico partiu logo para outras fuçanças. E, nisto, se resumiu sua participação. Por isso, podemos aqui nos despedir do suíno e nos concentrarmos na doce senhorita, a qual se quedara ali, admirada, boquiaberta, o coração aos pulos, o peito arfando, ante a preciosidade que o animal trouxera a lume. Segurava em suas mãos, atônita, uma vértebra pré-histórica pesada, com cerca de 35 cm de diâmetro. Consideremos um pouco tal cena.

A descoberta de um fóssil, mesmo de uma mera conchinha, sempre causa interesse e admiração. Imagine-se, então, o achamento da vértebra de um animal gigante. E, aquele, era o fóssil de um enorme animal. Era algo impressionante. E, é evidente, devemos nos admirar por igual com Bela. Realmente, quem de nós reconheceria, de plano, na forma de uma simples pedra barrenta e enfiada no focinho de um porco, uma vértebra fóssil de um grande animal? Pois, fora o que ela fizera. E mais, reconhecera ser o fóssil de um grande animal já quando, do alto da barranca, avistara-o à distância. O acontecido, comprova o por mim dito, de que Bela tinha lá as suas leituras amadorísticas sobre o assunto. Realmente, na ocasião, o pensamento da moça disparou. Verdade que a imaginação e, a explicável inexperiência, levaram-na a crer fosse a vértebra de um dinossauro. Essa ideia inicial dela se explica, aliás, pelo fato de que os dinossauros – os terríveis lagartos -, desde que a descoberta deles fora divulgada pela imprensa, há muito sobressaíam na admiração e interesse popular. Era natural que pensasse neles. Bela, não contou tempo! Apressou-se em ir avisar ao pai e este, acorrendo ao local e, vendo o fóssil, sendo mais versado que ela no assunto, foi adiantando à filha que sentia decepcioná-la e que, embora fosse, sim, uma importante vértebra fóssil, não o era de um réptil, mas, de enorme mamífero, disse-lhe, de um daqueles animais gigantes que, muito mais recentes que os dinossauros, habitaram a América do Sul num passado remoto e eram há muito extintos. Tal detalhe do diálogo dentre pai e filha, nos permite entrever o quanto Sr. Otto Bayer estava aprofundado em suas leituras e observações sobre fósseis, pois, sabia distinguir bem dentre vértebras de mamíferos e de sáurios; ademais, pode ele ter mesmo percebido fosse a vértebra lombar de um megatério, pois, nestes, como em todos os animais da Subordem Xenarthra – isto é, das preguiças – possuem certas particularidades únicas no Reino Animal, que permitem sejam desde logo identificadas, visto que apresentam articulações acessórias, ausentes nas outras espécies, bem como zigapófises, como nos ensina o paleontólogo Josué Camargo Mendes, na sua ótima *Paleontologia Geral* [Livros Técnicos e científicos Editora S.A., 2ª ed., Rio de Janeiro, 1982, p. 314]. O fato é que, ao depois, o exame especializado revelou tratar-se o fóssil de um muito bem conservado exemplar de *Megatherium americanum Blumenbach*. Enfim, resgatando a peça, Sr. Otto Bayer levou-a para a moradia. Iria ter início, então, uma série de providências, conscientizações e notícias até que, passados alguns anos, tal peça e o fóssil num todo chegassem ao Museu Nacional.

O achado, alguns anos depois, foi aclamado como de grande importância científica. E, Bela não foi esquecida. De fato, relatando tal descoberta, o pesquisador Prof. Victor Stawiarski (ou Staviarski) perpetuaria a pessoa e imagem dela, na reconstituição que registrou de tão belo momento, escrevendo a respeito da gentil senhorita: “*Figuremos agora a cena: Uma moça de cerca de 27 anos de idade, descalça, com um vestido de riscado, sujo e roto, de pé no alto da barranca em cujo fundo pastavam os porcos*” [In *Em busca de um fóssil*, Revista do Museu Nacional do Rio de Janeiro, dezembro de 1944, cit. por Oswaldo Frota-Pessoa, no livro *Biologia na Escola Secundária*, MEC/INL, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1962, p. 708 – 713]. Não carecemos, todavia, de pensar em Bela sempre assim, com pés descalços e vestes humildes de trabalho na roça. Não que haja desdouro nisto, porém, podemos e devemos imaginá-la, também, asseada e perfumada e, vestindo um típico, colorido e muito lindo traje germânico, daqueles que, com certeza, cuidaram o pai e a saudosa mãe de que a moça e a irmã os tivessem já na Europa e, mesmo agora viúvo, de igual providência o pai se desincumbiria em Porto Vitória. Comprovadamente, fora ótimo pai. Por certo, ele não teria trazido da Europa seus muitos livros e os manteria consigo, se também não pudesse trazer, nas bagagens, os belos trajes e mais bens essenciais das amadas filhas. Eram pessoas cultas e, cultura é coisa que não se perde. Verdade que, pelo que consta, viviam ela, a irmã mais nova e o pai, ali, num humilíssimo sítio da pequena vila de Porto Vitória, à margem esquerda do rio Iguaçu, todavia, desconheço fotos ou descrição da casa de moradia. Pode ser que até vivessem melhor do que cogito. Ademais, era muito natural que o Prof. Stawiarski a encontrasse assim, vestida para o serviço na roça e descalça, quando ela foi lhe indicar o lugar exato do achamento do fóssil. Portanto, acho que podemos e devemos pensar nela, também, como jovem muito bem trajada, as unhas limpas e esmaltadas, nos puros

lábios um rubro batom. E, certamente, com algum lindo e bom moço, vivendo um apaixonado, imenso e eterno amor. Aliás, é possível que o achamento do fóssil ajudou nisto.

Porém, vamos adiante! Houve dificuldades iniciais, ante o achado. Para a culta família, o fóssil recolhido era qual um pequeno tesouro, todavia, a vizinhança não pensava assim. Realmente, tendo o Sr. Otto Bayer explicado que aquela descoberta era importante para a ciência, que se tratava da vértebra fóssil de antigo e gigante mamífero, vários deles o ridicularizaram bastante, dizendo-lhe que o mesmo perdia tempo com coisas inúteis, que tal objeto nada mais seria, diziam-lhe, que uma vértebra de anta, pois, afinal, como esperar que aquele pacato solo florestado do Vale do Iguaçu guardasse esqueletos de monstros diluvianos? O resultado é que, por quase meia dúzia de anos, diversos assim o apoquentaram, todavia, Sr. Otto suportou com paciência a ignorância dos vizinhos e amigos. Sabia do valor do que fora encontrado. Chegara mesmo a montar, na sua moradia, uma modesta exposição e a qual continha, além da referida vértebra fossilizada, também, vértebras e costelas de cavalos e de bois, visando demonstrar aos visitantes que, o que achado, provinha de animal de muito maior porte. Progressivamente, a comunidade foi sendo motivada e envolvida. De uma escola alemã local vieram professores, trazendo seus curiosos alunos, para examinarem o fóssil e o compararem com os ossos de grandes animais recentes. No correr de alguns anos, uma centena de pessoas – dentre adultos, jovens e crianças – já tinham visitado sua coleção particular e, diversos, o próprio local do achamento. Tal interesse popular, acabou por atrair jornalistas e autoridades. A notícia foi se espalhando. O vizindário foi se convencendo, aos poucos. Enfim, para que se entenda o significado da presença de tal fóssil e da sua importância, convém falarmos um pouco, aqui, ainda que resumidamente, a respeito dos megatérios e de outros megamamíferos da América do Sul primitiva. Por favor, sigam-me nisto.

A fauna do Pleistoceno

Não admira que o fóssil da enorme preguiça gigante tenha sido localizado naquele modesto sítio paranaense, pois, na verdade, toda a América do Sul durante o Pleistoceno – Período da Era Quaternária e que precedeu ao Recente - se caracterizou por enorme quantidade de espécies de megamamíferos, tais os paleomastodontes e os glyptodontes, os gigantocamelus e os todoxontes, as macrauquênias e, é claro, os diversos gêneros e espécies de megatérios, pois, da Superfamília Megatherioidea, foram identificados gêneros como o Eremotherium, o Glossotherium, o Nothrotherium, o Scelidotherium, o Scelidodon e, o mais encontrável de todos esses enormes e peludos animais, o gênero Megatherium, representado por diversas espécies, inclusive, havendo o gênero Megathericulus, no Mioceno da Argentina. Em resumo, uma fartura de mamíferos dos mais diversos portes. Essa megafauna, que se esparramava por todo o continente sul-americano, foi desaparecendo progressivamente e se acabando, de vez, há poucos milhares de anos, os últimos deles se extinguindo há cerca de 6.000 anos antes da Era Cristã ou, mesmo mais recentemente, variando tal extinção de região para região, tempo para tempo, espécie por espécie. As causas do seu desaparecimento coletivo, geral, se estimam sejam diversas, tais dois levantamentos geológicos da América Central em épocas distintas, os quais, unindo as Américas, teriam permitido que espécies predadoras viessem da América do Norte para a do Sul, como sucedeu com os smilodontes (tigres-de-dentes-de-sabre), ursos, onças, canídeos e, também, de raças pacíficas, caso dos cavaleiros, porém, também, teria a extinção por causa dramáticas mudanças climáticas e, enfim, o complexo assunto ainda é examinado pela ciência e, sobre o tema, há muitas lacunas, até porque tal extinção se deu, por igual, nas Américas Central e do Norte, para onde muitos mamíferos da América do Sul emigraram, dentre os quais os próprios megatérios. De observar que estes últimos, especialmente, se destacaram decisivamente no interesse científico e popular, mormente pelo porte gigantesco de algumas espécies e sendo que, justamente, o mais típico de todos era o *Megatherium*

americanum Blumenbach, ou seja, a espécie encontrada em Porto Vitória. Acrescento que a preservação e descoberta dele no Vale do Iguaçu foi tornada possível porque, tal porção da região, é das poucas fossilíferas nos planaltos Paranaense e Catarinense, visto que, na maior parte da dita Bacia Paranítica, o chão tem origem em vastíssimos derrames basálticos – a terra vermelha, ou roxa, é lava decomposta -, resultando em solo ácido, impróprio à fossilização. Dita megafauna e outros animais viveram sobre tal solo, mas, não se conservaram fósseis. Em tal sentido, aumenta ainda mais a importância paleontológica do achado e, num todo, do Vale do Iguaçu como um bolsão geológico de possíveis fossilizações. Mas, falemos um pouco desse interessante animal encontrado.

A primeira descoberta de um fóssil do gênero *Megatherium* ocorreu na Argentina, nos arredores da cidade de Lujan, Província de Buenos Aires, pelo religioso Frei Manuel Torres, no ano de 1785. O fóssil foi enviado para a Espanha, sendo na Europa classificado pelo zoologista francês Georges Cuvier e daí o nome, primeiramente lhe dado, de *Megatherium Cuvieri*, depois, rebatizado face os estudos de Blumenbach, donde o nome *Megatherium americanum Blumenbach*. Depois de definido o gênero, na Argentina e no Brasil foram, na sequência, encontrados e classificados muitos mais fósseis deles, também, de outros gêneros e espécies e, inclusive, por igual na América do Norte. Destacou-se nas pesquisas paleontológicas iniciais na Argentina e, inclusive, no achamento de megaterídeos, a pessoa do cientista amadorístico Florentino Ameghino (o primeiro a defender o autoctonismo do homem americano) e, no Brasil, o pioneirismo coube ao cientista dinamarquês Peter Wilhelm Lund, o qual fez os primeiros achamentos de megatérios em cavernas de Minas Gerais, bem como de outras espécies de megamamíferos e de diversos outros animais primitivos e, também, tendo encontrado os esqueletos de uma antiquíssima gente – o *Homem de Lagoa Santa*. O dito Peter W. Lund até estabeleceu uma espécie de megatério, o *Megatherium laurillardii*, porém, há opinião de que os exemplares deles que escavou em Minas Gerais poderiam ser, apenas, exemplares mais jovens do *Megatherium americanum Blumenbach*. Após as descobertas de Lund, exemplares fósseis dos megatérios foram encontrados em vários Estados do Brasil: Acre, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba, Bahia, Goiás, Paraná e Rio Grande do Sul. Ora, sucede que a espécie *Megatherium americanum Blumenbach*, particularmente, era impressionante por seu porte, pois, um exemplar adulto estando em pé sobre as patas traseiras, sua cabeça atingia os seis metros de altura e mesmo mais e, há notícias, antigas, de um megatério mais agigantado. De todo modo, se diz que rivalizavam eles em tamanho e peso com os maiores elefantes da atualidade. Outros estudiosos os dizem ainda maiores. Vamos apreciar um pouco disso. Reconstruamos, mentalmente, uma dessas grandiosas feras.

Imagine-se um animal imenso, muito pesado e muito gordo, de pé sobre as patas traseiras, com seis ou mais metros de altura, muito peludo e dotado de enormes garras nas patas das mãos e dos pés. Seria como um urso gigantesco, embora, na verdade, da ordem dos xenartros e, portanto, sendo parente das preguiças. Representações antigas lhe davam a cabeça proporcionalmente pequena, ao contrário de versão nossa contemporânea, que me parece mais fiel ao tamanho do crânio fóssil. E, os antigos autores os mostravam, quando erguidos sobre as patas traseiras, apoiados na cauda e em troncos de árvores, para alcançarem a folhagem mais alta. Mais adiante, comento que não deva ter sido assim. Não há dúvida de que seja o megatério um xenartro, mas, segundo penso, não tendo de modo algum a lerdeza das preguiças no andar, no lutar pela vida, no comer suas plantas como estas. Pensa-se que, no passado, tenham sido preguiças que, pelas condições favoráveis, desceram das árvores e reassumiram a existência no chão e que, à falta de predadores, se agigantaram, como sucedeu com muitos mais mamíferos da América do Sul e de outros continentes. De todo modo, milhares de anos de evolução os distinguem das preguiças arborícolas. Quanto à estimativa do tamanho e peso, costuma-se igualá-lo, como dito, com os dos maiores elefantes atuais. Assim, em mera estimativa, pois, apenas medidas concretas possuem valor científico, poderemos imaginar um *Megatherium americanum Blumenbach* adulto tendo o porte semelhante ao da espécie

Loxodonta africana, elefante com cerca de 7,5 toneladas, ou seja, tal megatério teria um peso equivalente ao de 30 antas (*Tapirus terrestris*) das maiores, com cerca de 250 quilos cada qual delas. Portanto, um mamífero terrestre gigante. Todavia, há quem afirme ser muito maior um exemplar adulto de tal espécie de megaterídeo e, assim é que, no seu livro *O Romance da Terra*, o autor Rudolf Thiel sustenta que um deles pesaria duas vezes mais que um elefante atual; ele fala de uma pegada de tal espécie, encontrada no ano de 1882 em Carson City, Nevada, E.U.A., a qual mediu 60 cm de comprimento por 40 cm de largura. Uma enormidade, para a marca de um só pé! [Edições Melhoramentos, São Paulo, 1964, p. 193]. Efetivamente, há muito ainda a se aprender sobre os megatérios. Observo que, embora fossem animais classificados como da Ordem Edentata, isto é, de animais desprovidos de dentes, os megatérios na realidade os possuíam. Aliás, mesmo as preguiças arborícolas da atualidade, a eles aparentadas, também possuem dentes. Destentados, mesmo, são os tamanduás e os tatus. O espantoso a respeito deles é que, apesar do seu tamanho, concluíram os cientistas que aqueles portentosos animais marchavam sobre os dorsos das patas, todavia, julgo se deva aplicar isto apenas às dos membros anteriores, porque, quanto às patas traseiras, as representações que deles fazem, mostram-nos com os pés em função plantígrada e, apenas, com as garras curvadas para o lado interno. Aliás, a própria estrutura das patas traseiras induz isto, assim, por exemplo, o enorme osso calcâneo projetado para trás, evidencia uma destinação de dar mais equilíbrio ao enorme animal quando de pé. Por isso, o grande comprimento da pata, na pegada referida por Rudolf Thiel. Note-se que as muitas marcas fósseis de pegadas de um megatério encontradas em Pehuen-Co, na Argentina, mostram o animal marchando longamente e em posição bípede e, provavelmente, não apenas para mais fácil colheita de alimentos em árvores, mas, por lhes ser esse um modo natural de percorrer distâncias – daí, a grande extensão das marcas no chão -, o que não exclui a quadrupedia, simultaneamente praticada. Observe-se que, tal espécie de que tratamos, migrara desde a Argentina até aos Estados Unidos e, portanto, não me parecem maus caminhantes. Por isso, o mesmo Rudolf Thiel diz, galhofeiramente, que de modo algum se deve apelar por preguiça a um pesadíssimo animal que, percorrendo no passado as Américas – claro que através de muitas gerações -, fora de Buenos Aires a Los Angeles e, mais ainda, caminhando sobre os dorsos das patas e que, realmente, deveriam conferir-lhe a medalha olímpica de ouro [Opus cit., p. 193]. Ademais, havendo registro de sua marcha em bipedia, é curioso que não foram encontrados – até onde eu o saiba - vestígios de que estivessem eles arrastando pelo chão, após si, a grande e peluda cauda, de inegável existência. Muito provavelmente, não tinham necessidade de arrastar a referida pelo solo, mas, a traziam erguida quando em marcha (como faziam os dinossauros e fazem os lagartos e tamanduás de atualmente), estivessem com duas ou com as quatro patas no chão. Arrastar a cauda seria muito trabalhoso, cansativo. Dito isto, não acho razoável que de tal apoio carecessem para se equilibrar ao colherem folhagem nas alturas, porque, para isso, já tinham as patas compridas e largas; nem dependeriam de apoio nos troncos das árvores para tal atividade. Ora, no meu ver, como os elefantes atuais – que se erguem facilmente sobre duas patas -, os megatérios não precisavam de tais apoios, embora, é claro, vez por outra deles fizessem uso. Talvez, tivesse a cauda uma outra função, que não a de dar apoio no erguer-se o animal. Para alguma coisa serve, pois, suas parentas de hoje, as preguiças arborícolas, não as possuem. Na evolução as dispensaram. Para que serve a cauda de um tamanduá? Serve de abrigo para a noite, de camuflagem ante o perigo. Também, para algo, as tinham os megaterídeos. Mas, não como condição essencial ao equilíbrio. Nem na cauda e nem em troncos. Uma fera de tamanha estatura e que dependesse de tais artifícios para colher alimentos, teria tudo para viver subnutrido, o que parece ser desmentido pelo volume corporal e enorme quantidade de fósseis encontrados. Tivessem tais limitações e teriam que comer apenas o que estivesse ao alcance da boca e, no muito, ao que alcançassem com uma pata livre, pois, a outra estaria comprometida no firmar-se num tronco ou galho reforçado. Ademais, cogita-se mesmo de que possa ter possuído língua comprida e afilada na ponta, com a qual teria facilidade de envolver e arrancar ramos e folhagens, como um elefante o faz com a tromba. Um elefante africano da atualidade come de 140 a 180 quilos de forragem, diariamente. Um megatério gigante não deveria comer menos. Aliás, talvez os megatérios não vivessem apenas de folhagens. Penso que haja, nisto, ainda, uma visão centralizada nas

preguiças de hoje que, aliás, ainda que raramente elas devoram frutos, como foi constatado em condição de cativeiro. De todo modo, uma delas pode demorar horas para devorar uma única folha. Outro fato é que os dentes molares dos megatérios são serrilhados, destinados a cortar, não a moer, como se esperaria de um herbívoro. Cogita-se, pois, que possam ter sido, ocasionalmente, também carnívoros.

Vejam, aqui, outro interessante tema a respeito da fera. É que se desenvolveu, dentre os paleontólogos e mais pesquisadores um conceito que considero a construção de um mito, qual seja o de que sobre o peito e costado de tal espécie, saltavam os tigres-de-dentes-de-sabre (smilodontes) que viveram nas Américas, para assim lhes cravarem as compridas presas. Isso, por várias razões, era impraticável, pelo menos, quanto aos já adultos e de imenso porte, sendo possível apenas com relação aos filhotes, aos exemplares muito jovens e com outras espécies de megatérios de menor porte – que os havia também. Já um exemplar adulto do *Megatherium americanum Blumenbach*, mesmo se curvado sobre as quatro patas, era alto demais para tais tigres realizarem tal proeza e, sobre um deles em pé, seria de todo impraticável. Em tal posição, o megatério era como uma elevada, volumosa e pesada coluna de ossos e carnes pesando de sete a oito ou mais toneladas, impossível de ser derrubado, ainda mais se tendo o apoio da cauda no chão. Saltar-lhe no peito, seria como saltar numa parede. Ademais, o pobre smilodonte – que tinha o porte semelhante ao de um tigre moderno - seria simplesmente traspassado pelas poderosas e agudas garras do megatério, num fatal abraço; aliás, mesmo em só se aproximando do grande animal, ganharia uma mortífera patada. No mais, o tigre não teria como cravar suas presas num ponto fatal, porque o megatério era carnudo demais. E, ainda há o argumento da praticidade: o quê um tigre faria com tamanho animal, se o matasse? Não poderia devorar dele mais que alguns nacos, para satisfazer-se. Para justificar tal caçada trabalhosa, os smilodontes deveriam caçar em grupos, com vários deles aproveitando a caça e, isto, não teve comprovação alguma. Veja-se que os tigres e leões modernos caçam animais de, no máximo, o porte de um búfalo... e não lhes é fácil derrubarem um deles. Os tigres caçam isoladamente; os leões, deixam tal serviço para as fêmeas. E, de regra, leões e tigres não se metem com os elefantes adultos, não sendo páreos para estes. Atacam apenas os filhotes, os muito idosos e os adoentados. Excepcionalmente, leões se juntam e abatem algum elefante isolado. Ademais, apresento dois argumentos ainda mais decisivos, no sentido dessa incapacidade de um smilodonte atacar um imenso megatério: primeiro, é o fato de que os grandes colmillos dos tigres-de-dentes-de-sabre eram frágeis, destinados não à perfuração de carnes grossas e couros duros, mas, a pescoços macios e de animais de porte muito menor que os grandes megatérios. Sobre estes, sim, saltavam os smilodontes. Segundo argumento, é o fato de que fósseis deles evidenciam ossaturas pesadas demais e pernas traseiras demasiado curtas, ou seja, não eram animais aptos a dar grandes saltos. Não ofereciam condições para pularem sobre os costados dos grandes megatérios e, menos ainda, contra os seus peitos. Aliás, talvez que numa intuição disto, ilustradores antigos os mostraram saltando de barrancos contra os megatérios, artifício para explicar o como conseguiam realizar a proeza. Vemos isto, por exemplo, em reconstituições cênicas do primitivo pampa, em belos desenhos de La Croix, reproduzidos por diversos autores brasileiros, como Carlos de Paula Couto, Aníbal Matos e Frota-Pessoa. Terá sido um dilema, para aqueles antigos ilustradores, o cismarem onde, nos plainos pampas, tais tigres encontrariam barrancos, assim, disponíveis à vontade. De uma parte penso que, se dependessem de encontrar tais ravinas, eles morreriam de fome e, de outra, que estando sobre uma delas, seriam avistáveis de longe pelos megatérios, que se escafederiam. Portanto, os tigres-de-dentes-de-sabre deveriam ter sido, isto sim, devoradores apenas dos megatérios de pequeno porte, como foi observado por Peter Wilhelm Lund em cavernas de Minas Gerais, como, também dos mais jovens e dos filhotes e, é claro, de outras espécies animais. Veja-se que os tigres modernos comem cerca de apenas vinte quilos de carne em cada refeição e escondem a vítima para ir comendo aos poucos, mas, mesmo que um smilodonte devorasse mais que isto, não justificaria atacar um animal de seis metros ou mais de altura e pesando toneladas. Lund, estudando os smilodontes que encontrou, concluiu que eram algo maiores que um tigre ou

leão da atualidade. Não eram, portanto, nenhuns gigantes. Pode-se dizer, nem sequer pertenciam à megafauna. Apenas, estão associados a parte dela no tempo.

De todo modo, a meu ver os megatérios deviam ser animais perigosos, provavelmente, temidos até pelos seres humanos. Suas unhas eram poderosas. E, como já o disse, nem mesmo se descarta de que, também, comiam carne. Nesse caso, talvez, também a humana. A meu ver, terá sido por representarem perigo, que índios do Chaco sufocaram a um deles com fumaça, numa caverna ou toca, como os cientistas descobriram. Sim, toca! Apenas muito recentemente se descobriu que os megatérios faziam tocas para seu abrigo. Inclusive, há uma delas no município catarinense de Laurentino. Ora, para construir tais abrigos, os megatérios teriam que dispor livremente de ambos os membros anteriores, para escavação das paredes e do teto, tudo em grande altura, na conformidade com seu porte. Isso reforça minha hipótese de um desembaraço no firmar-se nas patas traseiras. Por igual, dá apoio à minha opinião de que tal espécie de megatério, principalmente, além de outras deles por igual agigantadas, sabiam se defender e muito bem das feras atacantes, usando para isto o grande tamanho e força corporal e suas imensas garras. Não sendo assim, o viverem em enormes tocas seria, para eles, um risco muito grande, sendo elas facilmente localizáveis e eles nelas mais vulneráveis. Tais tocas não de ter sido, outrossim, tentação de moradia para feras diversas. Enfim, um gênero animal que clama por releituras dos paleontologistas. De todo modo, com tão vasta precedência na descoberta de fósseis na América do Sul, tantos e variados como importantes, se justificava, totalmente, o grande interesse dos pesquisadores e museólogos do Museu Nacional do Rio de Janeiro em escavá-los, reconstituí-los e pô-los em exibição. E, foi o que se deu no presente caso, do fóssil de Porto Vitória. Vamos, portanto, à sua prospecção e transporte.

Prospecção

Pela legislação da época, não seria proibida uma prospecção particular no terreno do Sr. Otto Bayer, para localização e escavação do restante do fóssil, todavia, o dono do chão não possuía recursos financeiros e técnicos para realizá-la e, além do mais, sabia de que um rigor científico se impunha, no interesse da preservação do próprio achado. Limitara-se, assim, sabiamente, a deixar o fóssil soterrado onde estava e onde o próprio solo o continuaria resguardando. No mais, cuidou de noticiar a descoberta e divulgando, também, que aceitaria ofertas financeiras da parte de quem quisesse comprar, dele, os direitos da exploração do fóssil no seu humilde lote colonial. Ora, aconteceu que, em setembro de 1934, um morador da cidade catarinense de Porto União, ali pertinho, veio a ler num jornal local, a notícia da momentosa descoberta e da oferta do proprietário do imóvel. Ora, por uma feliz coincidência, esse senhor – cujo nome desconheço – tinha parentesco com um pesquisador do Museu Nacional do Rio de Janeiro, um certo Prof. Victor Stawiarski e, cheio de zelo, cuidou logo de avisar a este, por carta no mesmo mês. Deve ter-lhe remetido, também, um recorte de jornal, noticiando a descoberta. Talvez, continha mesmo uma foto da vértebra. O fato é que tal missiva motivou de imediato ao dito professor, onde apressou-se este em tomar as providências necessárias para uma oferta financeira irrecusável. Não tenho conhecimento das tratativas. Deve ter havido trocas de cartas, todavia, o sabido é que restou combinada a compra-e-venda de tais direitos de exploração do fóssil pela respeitável quantia de um milhão de réis - RS 1.000\$000 -, ou seja, um conto, o que no presente ano de 2022 valeria, segundo eu calculo, ainda respeitável quantia, coisa de R\$ 300.000,00 (Trezentos mil reais). Na época, todavia, um conto teria poder de compra muito mais elevado. Então, quando alguém tinha tal quantia, era tido como muito bem de vida. Com admiração, era dito um milionário. Por isso, imagino que o Museu Nacional ou dispunha de imediato de ricos fundos ou, então, obteve com urgência um patrocinador, um mecenas. Não penso que o próprio Prof. Stawiarski assumiria, às suas custas, tal vultosa compra. E, louvo a

esperteza e o espírito negocial do Sr. Otto Bayer. A guerra, por certo, não o abalara tanto assim. E, espero que ele e suas filhas tenham tido imenso proveito e sábio uso daquela fortuna inesperada. Como dizem, não se deixa de montar o cavalo que passa encilhado. Veja-se que ele nem sequer vendera sua propriedade, mas, tão somente, o direito de prospecção do solo para a retirada do fóssil. Ele permaneceu, presumo pelas notícias, o dono do imóvel. Teria sido um negócio dos sonhos para qualquer colono. Os que do alemão zombaram, cedo se arrependeram. Não me causaria admiração saber que, após tais fatos, diversos deles tenham realizado desesperadas escavações nos próprios lotes... ou, que tenham passado a vigiar atentos, doravante, o trabalho cotidiano dos seus porcos. De fato, um conto de réis, era valor para não se botar defeito. Imagino, desde então, uma vida muito mais confortável para Sr. Otto e os seus. Com certeza, pôde ele dar às filhas uma condição melhor de vida; lhes deve ter dado belos trajes, lindos calçados, elegantes chapéus. Devem ter sido convidados para a alta sociedade. Cada moça deve ter recebido um ótimo dote, não lhes faltando, assim, condições para os respectivos casamentos. Ótimos candidatos devem ter batido à sua porta. Quanto a Bela, espero que o pai a tenha festejado muito. E, espero, tenha poupado da panela ao Chico, aquele suíno com alma de paleontólogo.

Do preço pago, podemos inferir o quanto o Prof. Stawiarski e aquele museu consideraram a descoberta do fóssil como algo de extrema importância científica e cultural. Essa compra dos direitos de escavação se dera ainda em 1934, ou seja, logo em seguida ao informe recebido, que é de setembro. Isso pode implicar, inclusive, em que tenha havido um afoitamento da direção do Museu Nacional do Rio de Janeiro em tal aquisição. Preocupação, talvez, em que de São Paulo ou, da própria Alemanha, aparecessem concorrentes de peso. O fato é que, assegurados os direitos, já no ano seguinte, ou seja, em 1935, o Prof. Victor Stawiarski pôde organizar uma expedição exploratória no imóvel, trazendo a lume, então, o que se diz tenha sido o mais completo fóssil de tal espécie de megatério já obtido em escavações no território brasileiro, embora faltante a cabeça, nunca localizada. Para logo, aquele museu haveria de ter seu acervo paleontológico enriquecido pela presença de tal fóssil de preguiça gigante que, uma vez reconstituída, passaria a ser ali exposta. A escavação dele, uma vez consumada, veio a trazer, de fato, ainda mais notoriedade para o Sr. Otto Bayer e família, bem como total surpresa para os vizinhos do seu sítio e o qual, aliás, situava-se apenas cinco quilômetros do centro da cidade de Porto Vitória, distância que se pode percorrer a pé em minutos. Foi, com certeza, um tempo de glória para o humilde colono germânico e suas duas queridas filhas e, os parentes na Alemanha – com certeza, gente de igual ótima cultura, a julgar pelas publicações que a ele enviavam -, devem ter se sentido, a sua vez, também, muito gratificados. Essa prospecção do fóssil, realizada naquele ano de 1935, ficou bem registrada. Em artigo que deu a publicar a respeito na revista do Museu Nacional, o Prof. Victor Stawiarski deu detalhes e, inclusive, juntou fotografias, mostrando o sítio em que a escavação fora feita. Fotografias que deu a publicar, mostram o fóssil na sua grandiosidade, ainda no chão, todo descoberto, porém, ainda não removido do solo. Aparecem em fotos o Sr. Otto Bayer e o Prof. Stawiarski e outros. Imagino que o professor trouxe daquele museu uma equipe para os trabalhos, o que não impede tenha, também, contratado alguns trabalhadores locais. Os trabalhos foram cuidadosos. Registrou aquele pesquisador que o fóssil encontrado era constituído de rochas pouco consistentes, tendo que ser as peças raspadas cuidadosamente com facas e colheres, para não serem danificadas. Por isso, o uso das pás se deu apenas no começo dos trabalhos. Pancadas ou cortes com elas, seriam muito danosas. Recolhido o fóssil, o conjunto de peças pétreas foi devidamente embalado em grandes caixas de madeiras e enviados dali de Porto Vitória para a sede municipal de União da Vitória, sendo isso por estrada de terra ou, então, por um ou mais dos navios que, na época, faziam ampla navegação no rio Iguaçu e, de União da Vitória, deve ter sido embarcado num trem com destino à cidade do Rio de Janeiro, onde seria, finalmente, entregue ao Museu Nacional. Mesmo sendo fossilizado em rochas frágeis, o peso devia ser grande. Fragilidade, não induz leveza. Guindastes devem ter sido utilizados, para erguer e baixar cada qual das maiores caixas. É muito possível que o próprio Prof. Stawiarski tenha chegado até União da Vitória de trem e retornado dali pelo mesmo modo

de transporte, ou seja, viera pela Rede Viação Central do Brasil S.A. até à Capital paulista e, dali a União da Vitória, pela Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande S.A. Depois, fizera o percurso inverso e, penso, na mesma composição que transportava também o fóssil. Na época, era o recurso mais lógico e mais rápido. Quanto ao acordo feito com o Sr. Otto Bayer, pode ser que a proposta em termos de preço tenha sido condicionada à localização de mais partes importantes do fóssil no local, não tão somente pela primeira vértebra encontrada. O fato, porém, é que a negociação se consumou. Hoje, provavelmente, os detalhes dela somente poderão ser revistos e avaliados através de notícias jornalísticas, documentos diversos ou, por artigos escritos, como o referido e dado a publicar pelo Prof. Stawiarski e constantes em instituições como museus e bibliotecas ou, de acervos particulares, isto porque, com o grande incêndio de 2 de setembro de 2018, é de se esperar que todo o acervo de documentos escritos, como o contrato de compra-e-venda, também o fotográfico e de filmagens ali preservado a respeito, tudo deva ter sido consumido pelas chamas ou destruído pelo destroçamento ou queima dos arquivos daquele museu. Realmente, estamos vivendo a Era da Computação e, assim, apesar do trágico incêndio, sempre há esperança de que aqueles e muitos mais documentos valiosos se encontrem preservados fora dali, por exemplo, pelo sistema de colocação em nuvem pela Internet. Como já referi, muita coisa consta de livros e nos exemplares da Revista do Museu Nacional, os quais foram, quando das suas edições, distribuídos no Brasil e no exterior.

Epílogo

Quando do horrendo incêndio havido no 2 de setembro de 2018 no Museu Nacional do Rio de Janeiro, eu julgava que o megatério de Porto Vitória tivesse sido montado com sucesso naquela Entidade e que ficara lá exposto por décadas, porém, depois do trágico evento, vindo a obter a obra *Paleontologia Brasileira – Mamíferos*, de autoria do Prof. Carlos de Paula Couto, por ela tomei conhecimento de que referido fóssil não se preservara após retirado da camada protetora de solo que o mantinha íntegro. Realmente, disse aquele cientista, o material natural que substituíra os ossos do animal no processo de fossilização, se tratava do minério denominado vivianita, constituído de pequenos cristais pouco consistentes, de sorte que, disse ele, o fóssil em pouco tempo se desintegrou [Opus cit., INL, Rio de Janeiro, 1953, p. 130]. A vivianita, efetivamente, não se prestava a uma fossilização duradoura, pois, é de dureza frágil, porque proveniente de pântanos e associada a jazimentos de ferro, sendo que comumente apresenta estrias e estas são, por si, indicativas de sua fraca durabilidade. Ora, aquele informe dado por Paula Couto respondeu a minhas dúvidas a respeito do porquê nunca encontrara fotografias ou notícias da presença de tal fóssil nas publicações que tratavam do acervo daquele museu. Todavia, aquele professor não esclareceu em que momento ou época se dera referida desintegração e, nem se o fóssil em questão chegara ou não a ser montado e exposto naquele museu. É assunto que fica, pois, pendente de verificação.

Também, me indago do que terá sido do Prof. Victor Stawiarski? Busquei e ainda não encontrei seu nome nos registros dos professores universitários do Brasil, nem em obras científicas – salvo as aqui por mim citadas –, porém, Carlos de Paula Couto o menciona como sendo ambos colegas no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Os fatos e documentos evidenciam que era ele um pesquisador naquela Instituição. Apesar da notícia que colhi em Carlos de Paula Couto de que o fóssil do megatério se desagregara, talvez, era coisa esperável, corriqueira e, por isso, o fato não tenha afetado a carreira do Prof. Victor Stawiarski. Verdade que, montável ou não, o fóssil era uma realidade admirável, poderia ser estudado, preservado de outro modo. Bem, o fato é que, pelo menos dez anos depois da escavação do fóssil e envio dele ao dito museu, aquele professor ainda frequentava aquela Entidade e era por ela prestigiado, tanto assim que seu artigo *Em busca de um*

fóssil, a tal respeito, foi publicado – já o disse – em dezembro de 1944 pela Revista daquele museu. Isto é um fato tranquilizador. Deve significar que o Prof. Stawiarski acompanhara ou mesmo dirigira, ali, os estudos em torno do fóssil, o qual, em tão longo lapso de tempo – seis anos -, deve ter sido devidamente fotografado, medido, pesado, testado nos seus componentes pétreos e muito bem analisado. Aliás, há de ter sido desse modo que se chegou à identificação da espécie: *Megatherium americanum Blumenbach*. Não consegui, todavia, apurar mais nada sobre a atuação dele, naquela ou noutra Instituição, nem sua presença na literatura. Terá falecido no Brasil? Com que idade? Quando e onde terá nascido? Que contribuições mais terá feito pela ciência? Que outros mais escritos nos legou? A julgar pelo nome, sua origem é polonesa, porém, como em 1944 – ano de plena Segunda Grande Guerra Mundial - ainda se encontrava no Brasil e aqui escrevia e publicava, imagino que não se encontrava na Europa, nos terríveis anos da ocupação nazista e trucidamento dos judeus e dos poloneses de mais cultura. Tinha parentes aqui e, por aqui, deve ter permanecido. Espero que tenha sido assim. E, que tenha vivido, pesquisado e escrito, longamente.

E, os Bayer? Passadas tantas décadas, ainda penso no seu destino. Que terá sido daquela tão maravilhosa e interessante família? Terá o Sr. Otto se casado novamente? Terão as duas moças prosseguido os estudos? Casaram? Foram felizes? Terão deixado descendentes que possam, ainda hoje, testemunhar aqueles fatos? O dinheiro recebido com a negociação do fóssil terá transformado suas vidas? Terão tentado achar a cabeça do megatério? Ou, outros fósseis? Viveram eles na prosperidade? Teria a pequena família, porque recuperada economicamente, retornado à amada Alemanha durante o período hitlerista? Terão sido afetados pelo Nazismo? Pela Segunda Grande Guerra Mundial? Terão ido para a Alemanha no pós-guerra? É a família ainda recordada no Vale do Iguaçu ou, terá caído no esquecimento? Terão nossa querida Bela e seu pai permanecido interessados e lendo sobre fósseis?

Os anos vindouros seriam luminosos. As descobertas paleontológicas evoluíram no Brasil e, desde 1937, foram descobertos dinossauros no País. Os pampas do Brasil e Argentina, especialmente, se revelaram um imenso jazigo deles. Na implacável Geo-história, os mamíferos sul-americanos haviam sucedido a eles, porém, na medida em que foram desencavados fósseis daqueles imensos répteis, vieram os mesmos a superar aos mais gigantes dos mamíferos nas exposições museológicas, porque muitos deles, carnívoros ou herbívoros, ferozes ou não, impressionam pelo tamanho. E, de todo modo, até o mais diminuto dinossauro tem a importância insuperável de ser milhões de anos mais antigo que qualquer mamífero. Como poderiam, então, os pobres megatérios competir com aqueles lagartos terríveis nas mostras para o grande público? Nosso megatério, portanto, foi poupado de passar vergonha. Mas, dito isto, que ocorreu, realmente, com a fera? Qual o destino daquele gigante fóssil das margens do rio Iguaçu? Fora montado ou não? Em que época se esboroou? Sucumbiu no tremendo incêndio de 2018? Ou, salvou-se por estar preservado em caixotes ou gavetas, em algum arquivo subterrâneo do Museu Nacional do Rio de Janeiro?

E a fera? E a fera? Que foi feito da fera?